

IRONIA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

«Aber eine Ironie, die “keinen Augenblick mißverständlich” ist, - was wäre denn das für eine Ironie, frage ich in Gottes Namen, wenn ich schon mitreden soll? Eine Trockenheit und Schulmeisterei wäre sie!», Thomas Mann, *Der Zauberberg*

0. Introdução

Sendo fácil apreciá-la, é difícil definir e explicar a ironia de modo aprofundado. O carácter frequente da sua utilização parece-me ser um factor por si só suficiente para justificar esta primeira abordagem que tenta esclarecer, ainda que de uma forma geral, alguns conceitos fundamentais para o tratamento do tema. Para além de ser um fenómeno recorrente, a ironia tem sido objecto de estudo da Linguística em diversos países, nomeadamente na Alemanha, que parece tê-la redescoberto¹; o presente trabalho pode também ser interpretado como uma primeira tentativa de despertar o interesse da Linguística por este tema em Portugal e ainda como um primeiro passo em direcção a estudos de maior âmbito, centrados não exclusivamente na Língua Portuguesa, mas, de acordo com os meus próprios interesses, nas Línguas Portuguesa e Alemã para efeito de estudos de carácter contrastivo.

1. Duas acepções de “ironia”

Na Grécia antiga, ironia (εἰρωνεία) designava um tipo de comportamento fingido considerado imoral e que todos eram unânimes em ver encarnado em Sócrates. O método por ele utilizado ficou consagrado na história da filosofia como “ironia socrática”. No entanto, a ironia socrática não tinha por objectivo

¹ Cf. os trabalhos de LAPP, Edgar. (1997): *Linguistik der Ironie*. Tübingen: Gunter Narr Verlag. (1. Aufl. 1992) e de HARTUNG, Martin. (1998): *Ironie in der Alltagssprache – Eine Gesprächsanalytische Untersuchung*. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag.

a desvalorização das crenças ou das ideias morais, mas ensinar as pessoas a julgar--se a si mesmas, sem ilusões, a ter consciência da sua ignorância. Sócrates era mestre nessa arte temível mas salutar. Embora semelhante na aparência às astúcias retóricas dos sofistas, a ironia socrática não se exerce no vácuo verbal: é inseparável da “maieutica” ou arte de fazer as consciências darem à luz. Apesar de o conceito de ironia ter evoluído e ter perdido, já no tempo dos romanos, a componente comportamental, para passar a designar sobretudo um recurso retórico, ainda hoje existe alguma ambivalência entre ambas as vertentes, ambivalência que talvez provenha da proximidade inegável entre o dizer e o fazer, o discurso e a acção.

Como recurso da Retórica, a ironia era geralmente utilizada pelos oradores no final dos discursos, permitindo-lhes alcançar um maior impacto na sua tentativa de não só *probare* (provar, demonstrar através da argumentação), mas também *move* (impressionar, comover) e ainda *conciliare* / *delectare* (cativar, seduzir, deleitar) o seu auditório. O recurso estratégico ao riso era considerado fundamental para o sucesso de um orador, e a ironia era vista como um meio ideal para atingir esse fim. Cícero, um dos maiores mestres de Oratória, afirma: « *Sed scitis esse notissimum ridiculi genus, cum aliud expectamus, aliud dicitur.*»², afirmação que Hartung comenta: « Jede Verstellung ist zwangsläufig eine Enttäuschung der Erwartung der Zuhörer. Und diese der Ironie inhärente Qualität war für die antiken Rhetoren das Wesentliche an ihr»³. Fiel às ideias de Cícero, também Quintiliano, um dos primeiros professores de Retórica, considera a ironia como uma das melhores formas de provocar o riso: « *Quid ironia? Nonne etiam quae seuerissime fit ioci prope genus est?*».⁴

2. Ironia e Humor

Tentando fazer a ponte com os mestres da Retórica e entendendo por humor, tal como o faz Niedzielski, «a distortion in at least one element of a situation or

² CICERO, M. T. (1966): *De L'orateur* - Livre Deuxième (Texte établi et traduit par Edmond Courbard - 4^{ème}ed.). Paris: Société d'édition «Les Belles Lettres», p. 255. (Vous savez que l'un des plus connus (genres de plaisanterie) est de faire attendre une chose, et d'en dire une autre) - Tradução francesa que consta da edição bilingue.

³ HARTUNG, Martin - *Op. cit.*, p. 20. (Toda a dissimulação representa forçosamente uma desilusão para as expectativas do ouvinte. E, para os antigos retóricos, esta qualidade inerente à ironia é a essência da própria ironia).

⁴ QUINTILIANUS, M. F. (1977): *Institution oratoire* - Tome IV - Livre VI et VII (Texte établi et traduit par Jean Cousin). Paris: Société d'édition «Les Belles Lettres», p.3. (Et l'ironie? Même quand elle est très sérieuse, n'est-elle pas à peu de chose près un jeu d'esprit?) - Tradução francesa que consta da edição bilingue.

utterance contrasting with an expected norm»⁵, não será difícil concluir que ironia e humor têm algo em comum, tal como afirma Bertrand: «à la force instituante de l'usage, humour et ironie opposent des forces destituantes».⁶ E ousando ir um pouco mais longe ainda, Niedzielski diz que «smile occurs in the presence of intellectual humor, while laughter follows reactive humor. Most reactive humor is situational; most intellectual humor is linguistic – repetition, ambiguity, euphemisms, invented language [...] unexpected change of tone».⁷ É certo que por vezes se torna difícil traçar a fronteira entre ironia e humor, mas parece-me mais prudente e sensato seguir Littman / Mey e afirmar que a ironia pode, mas não tem de ser um caminho para o humor: «If a communicator has the goal of saying something humorous, he or she can present certain kinds of ironic situations».⁸ É de facto inegável que os enunciados irónicos contêm muitas vezes um potencial cómico, mas o facto de este ser ou não explorado depende das circunstâncias em que se concretiza o acto verbal considerado irónico.

3. Ironia e Sarcasmo

Se é verdade que a ironia tem por vizinho o humor, não será menos certo que a ironia e o sarcasmo têm também eles de partilhar paredes. Não será o sarcasmo uma manifestação aguda do “mal” que é a ironia? Não será possível transformar uma afirmação irónica numa afirmação sarcástica? Mais uma vez cito Littman / Mey: «One of the reasons for the common intuition that irony and sarcasm are the same appears to be that one of the most useful tools that a sarcastic speaker has at his or her disposal is irony. While irony is often used by a sarcastic speaker in a sarcastic context, irony is not sarcasm».⁹ O sarcasmo é, no meu entender, mais mordaz do que a ironia, vai mais longe enquanto instrumento de crítica, pois quem a ele recorre pretende magoar, ferir. Além disso, enquanto a ironia pode surgir através de uma situação (ironia do destino) ou de um acto de comunicação, o sarcasmo é marcadamente inerente aos actos comunicativos e não às situações.

⁵ NIEZIELSKI, Henry (1990): «Biculturalism as Prerequisite to the Translating of Humor» In: Arntz, R. / Thome, G. (Hrsg.): *Übersetzungswissenschaft. Ergebnisse und Perspektiven*, Tübingen: Narr, p. 240.

⁶ BERTRAND, Denis (1991): «Ironie et Humour – Le Laboratoire du Langage» In: *Der fremdsprachliche Unterricht* 25, 4, p. 5.

⁷ NIEZIELSKI, Henry – *Op. cit.*, p. 241.

⁸ LITTMAN, D. C. / MEY, J. L. (1991): «The nature of irony: toward a computational model of irony» In: *Journal of Pragmatics* 15, p. 148.

⁹ LITTMAN, D. C. / MEY, J. L. – *Op. cit.*, p. 148.

4. A Linguística e a Ironia

Com evidentes relações de vizinhança / parentesco com o humor e o sarcasmo, a ironia conseguiu, no entanto, desde cedo encontrar o seu espaço próprio e merecer uma atenção especial por parte de quem se interessa pela linguagem e tudo o que lhe diz respeito. Inicialmente objecto de estudo da Retórica e da Literatura, com o surgir da Linguística como disciplina autónoma, a ironia passou a ser alvo de numerosos estudos, sendo neste contexto importante destacar o trabalho de Weinrich¹⁰, que pela primeira vez definiu conceitos tão decisivos como, por exemplo, as marcas ou os sinais de ironia ou o modelo comunicativo extensível a uma terceira pessoa (cf., sob o ponto 7, modelo triádico da ironia).

Apesar dos esforços levados a cabo pela Linguística, numa tentativa de descrição e análise do fenómeno da ironia, parece-me contudo que nenhum estudo de carácter pura e exclusivamente linguístico nos permite reconhecer de forma clara e inequívoca a presença de uma afirmação irónica num determinado discurso.

4.1. Marcas de Ironia

Existem certos sinais, certas marcas que podem servir para ajudar a detectar a presença de ironia. Weinrich tentou descrever e sistematizar esses mesmos sinais, uma vez que, no seu entender, «zur Ironie gehört das Ironiesignal».¹¹ Refere, neste contexto, como sendo constituintes da ironia toda uma série de meios, que podem ser ou não de carácter verbal. A título de exemplo poder-se-ão mencionar certas modulações gestuais ou entonatórias (mudar o tom de voz, pestanejar, pigarrear, etc.) e, já a um outro nível, as frases demasiado longas, as repetições de certas palavras ou expressões – ou, no texto escrito, o recurso à escrita em itálico ou a utilização de aspas e parênteses. Já Lausberg¹² afirma que o sinal da ironia é o contexto. Paralelamente, há autores, como Householder, que põem em causa a sistematização destas marcas da ironia, por considerarem que «der Charme einer ironischen Äußerung besteht gerade darin, sich nicht allzu deutlich kenntlich zu machen»¹³ ou ainda que estas marcas são acima de tudo elementos que influenciam de forma “parasitária” os factores determinantes de um acto verbal específico. Groeben e Scheele defendem esta posição mais moderada e concebem as marcas da ironia como «Störfaktoren, die eine wörtliche Interpretation der Äußerung

¹⁰ WEINRICH, Harald (1966): *Linguistik der Lüge*. Heidelberg: Schneider.

¹¹ WEINRICH, Harald – *Op. cit.*, p.60. - (Da ironia faz parte a marca de ironia).

¹² LAUSBERG, Heinrich (1967): *Elemente der Literarischen Rhetorik*. München: Hueber. Trad. port. (1993): *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

lediglich verhindern».¹⁴ Os mais radicais, como Clyne¹⁵, rejeitam sistematizações, por acharem que quase tudo pode servir para sinalizar a ironia, sendo as possibilidades de escolha de recursos praticamente ilimitadas.

4.2. Dificuldades de sistematização

Não me parece, de facto, fácil generalizar e identificar as marcas obrigatórias e constitutivas da ironia, inventariando-as numa espécie de código ou manual que permitisse a sua detecção. Contudo, considero também que a existência de certos sinais que nos alertam para a impossibilidade de uma interpretação literal é uma realidade incontornável. Estes sinais podem ser detectados tanto ao nível lexical (o uso de expressões caídas em desuso ou provenientes de um determinado sociolecto e o uso de superlativos são apenas alguns exemplos) como no plano sintáctico (inversão da ordem das palavras na frase, a utilização de perguntas retóricas). Quanto ao domínio fonético, talvez seja ainda mais difícil fazer qualquer tipo de inventário, porque cada orador tem o seu próprio repertório, pessoal e intransmissível, de formas de expressão. Já no domínio dos meios paralinguísticos, estudos realizados por Fónagy¹⁶ levam a admitir que o discurso irónico é, na maioria dos casos, acompanhado de movimentos articulatórios e musculatórios muito próprios.

Existem algumas marcas de ironia, como, por exemplo, a já referida inversão da ordem das palavras, que são usadas de forma mais regular e frequente e que talvez por isso atingiram um grau elevado de estabilidade e aceitação dentro de uma língua. Ao ouvir a expressão “módica quantia”, por exemplo, um ouvinte português irá provavelmente ficar à espera de que se lhe siga a referência a um valor que seja tudo menos módico. No caso desta expressão, terá havido, inicialmente, por parte do ouvinte uma sensação de choque entre o dito / enunciado e a referência, feita logo a seguir, ao preço que ele constatou ser não-módico. Hoje, porém, o mecanismo parece ser outro: é já o falante que se envolve nesse mecanismo, que transporta e não apenas desencadeia o fenómeno: pressupõe que o seu ouvinte o conhece igualmente, sendo a “módica quantia” já uma herança

¹³HOUSEHOLDER, F. W. (1971): *Linguistic Speculations*. Cambridge University Press. p. 90. (O charme de um enunciado irónico consiste precisamente em não se dar a conhecer de modo demasiado evidente).

¹⁴GROEBEN, Norbert / SCHEELE, B. (1984): *Produktion und Rezeption von Ironie*. Bd. I.: *Pragmalinguistische Beschreibung und psycholinguistische Erklärungshypothesen*. Tübingen: Narr, p. 61. (Factores perturbadores, que impossibilitam uma interpretação literal de um enunciado).

¹⁵CLYNE, Michael (1974): «Einige Überlegungen zu einer Linguistik der Ironie» In: *Zeitschrift für deutsche Philologie* 93. Bd., pp. 343-355.

¹⁶FÓNAGY, I. (1962): «Mimik auf glottaler Ebene» In: *Phonetica* 8, pp. 209-219.

“irónica” para ambos. Assim, quem hoje diz “módica quantia” convida o seu interlocutor a partilhar da ironia.

Não podemos, porém, ignorar que estas marcas não se destinam de forma exclusiva a uma utilização irónica; trata-se de sinais que surgem em todo o tipo de discurso e que, por isso, terão sempre de ser pelo menos acompanhados de uma intenção irónica, para poderem provocar um efeito irónico. Como veremos adiante, não será de desprezar em primeiro lugar a importância de factores como o contexto/ a situação, de que fala Lausberg. Não é difícil admitir que as marcas mais evidentes da ironia são as de carácter lexical; são elas as que mais rapidamente nos remetem para uma determinada incompatibilidade, uma incongruência entre o que é dito e o que esperaríamos ouvir dizer. Se é certo que um ouvinte tem determinadas expectativas, não será menos correcto afirmar que o emissor de uma mensagem, aquele que a codifica, possui também à partida algumas expectativas quanto à capacidade de descodificação do seu interlocutor. Ele de certa forma joga com a capacidade de descodificação do destinatário.

O significado das marcas de ironia só poderá, assim, ser determinado em relação a um acto verbal específico, ocorrido num contexto também ele bem definido. A ironia surge habitualmente enquadrada numa situação de diálogo; o enunciado irónico não é apreendido como tal senão quando inserido no respectivo contexto e acompanhado do respectivo co-texto. A este propósito, e numa tentativa de definição do “contexto” ou da “situação” em termos gerais e não directamente relacionados com o fenómeno da ironia, Franck¹⁷ defende que os participantes numa interacção verbal são forçosamente obrigados a seleccionar determinadas características do contexto como sendo relevantes para uma definição comum e momentânea da situação em que estão inseridos. O contexto tem de ser alvo de uma “estruturação”, para que o material relevante que o compõe possa ser integrado no processo de interpretação. No domínio específico das intervenções irónicas, o papel do emissor é preponderante. Compete-lhe ir além da informação meramente situacional, tendo também presente toda uma série de outros saberes, concepções e ideologias, que marcam o historial da situação comunicativa e o património comum a emissor e receptor. Ao emissor é exigida uma grande capacidade de diferenciação, no momento da escolha das estratégias, dos veículos em que vai fazer transportar a sua ironia. Para que o emissor seja bem sucedido, não basta que ele próprio fique satisfeito com as formulações por que optou. Os seus esforços só serão coroados de êxito, se conseguir que o receptor chegue às conclusões que ele

¹⁷ FRANCK, Dorothea (1980): *Grammatik und Konversation*. Königstein / Ts.: Scriptor, e (1971): «Synthese de l'Ironie» In: *Phonetica* 23, pp. 42-51.

próprio tinha antecipado como sendo as correctas, e para que isso aconteça ele tem, por vezes, de “impedir” o acesso a conclusões erradas, reduzindo assim as possibilidades de fracasso para o seu interlocutor e, de certa forma, também para si mesmo.

5. Razões da opção pelo recurso à ironia

É difícil chegar a uma conclusão quanto aos motivos que levam alguém a optar pela ironia e não por uma afirmação cuja interpretação seja literal; parece, contudo, poder afirmar-se que quem recorre à ironia o faz, geralmente, quando pretende transmitir um juízo de valor, quando pretende avaliar, criticar. «While it is far from clear what prompts a speaker’s choice between an ironic and a literal model of speech or writing, it is clear that the choice is conditioned on the speaker’s having something of an evaluative nature to convey to a listener or reader».¹⁸ Um dos aspectos mais interessantes da ironia é o facto de ela permitir a quem a ela recorre, o “Ironischer” de Lapp, o “ironist” de Kaufer, distanciar-se, ao assumir uma posição face a um determinado enunciado. A ironia nasce precisamente do movimento duplo de adesão e distanciamento do emissor em relação ao seu enunciado. Wunderlich¹⁹ refere o “ironisches Distanzieren” como meio de eliminar uma certa tensão no diálogo e de reconquistar segurança. Oomen²⁰ considera que a ironia é algo que se constrói a partir da relação de tensão que se cria entre o significado literal e o derivado, não havendo uma substituição de um significado por outro, mas sim um valor acrescentado, uma mais-valia. Este autor contraria, assim, uma determinada corrente que descreve a ironia como um instrumento que nos permite comunicar / significar o contrário daquilo que dizemos.²¹

De acordo com a *echoic mention theory* apresentada por Sperber / Wilson²², o ironista retoma uma proposição, mencionando-a como se se tratasse de uma espécie de eco, aproveitando para tomar partido em relação àquilo que diz. «Le locuteur veut dire quelque chose à propos de son énoncé plutôt qu’au moyen de lui».²³

¹⁸ KAUFER, David S. (1981): «Understanding ironic communication» In: *Journal of Pragmatics* 5, p. 503.

¹⁹ WUNDERLICH, Dieter (1976): *Studien zur Sprechakttheorie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, pp. 376-378.

²⁰ OOMEN, U. (1983): «Ironische Äußerungen: Syntax-Semantik-Pragmatik». In: *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 11, pp. 22-38.

²¹ Sobre as diferentes finalidades de recurso à ironia e os meios utilizados, cf. a distinção de Lausberg (1967) entre *dissimulatio* e *simulatio*.

²² SPERBER, D. / WILSON, D. (1981): «Irony and the Use-Mention-Distinction» In: Cole, Peter (ed.): *Radical Pragmatics*, New York: Academic Press, pp. 205-235.

²³ BASIRE, Brigitte (1985): «Ironie et métalangage» In: *DRLAV Revue de linguistique* 32, p. 141.

Amante²⁴, por sua vez, defende que um acto verbal irónico é sempre passível de uma interpretação literal, à luz de um outro contexto, de onde deduz que se trata de um acto verbal como qualquer outro, regendo-se pelas mesmas regras que os outros actos verbais. Os enunciados irónicos são, de facto, perfeitamente coesos e coerentes do ponto de vista da semântica e respeitam uma lógica. Lapp vai mais longe e põe em causa a utilização da expressão “acto verbal irónico”: «Mit diesem Sprachgebrauch wird nahegelegt, es gebe einen Sprechakttyp ‘Ironie’. Ironische Äußerungen sind von den “normalen” Verwendungen eines Äußerungstyps jedoch nicht zu unterscheiden. Sie können Fragen, Behauptungen oder Aufforderungen sein».²⁵ Brown é peremptório: «Irony is not a speech act. We recognize ironic speech acts as the speech acts they are, noting in addition that they are ironic».²⁶ Uma solução possível seria considerar os actos verbais em que surge ironia como actos de fala indirectos, definidos por Searle como «cases in which one illocutionary act is performed indirectly by way of performing another».²⁷ O facto de os actos verbais indirectos também poderem ser concretizados de modo irónico parece ser um indício de que os comentários irónicos e os actos verbais indirectos representam, contudo, duas categorias diferentes, não podendo assim ser colocados em pé de igualdade.

No entender de Grice²⁸ existem certas normas ou máximas que são válidas e aplicáveis a qualquer acto de comunicação (e que têm os seus equivalentes em todas as “cooperative transactions”) e que permitem a um receptor/descodificador afastar-se do significado literal em direcção ao significado “comunicativo”. A sua teoria oferece assim uma solução para o problema dos actos verbais indirectos. Grice manifesta-se não tanto em relação ao processo de compreensão em geral – “conventional implicature” –, mas sobretudo em relação aos enunciados através dos quais um emissor pretende que, com base nas máximas conversacionais, o seu interlocutor seja capaz de fazer determinadas deduções – implicaturas conversacionais, que ele, emissor, não revela de modo explícito, mas que “torna implícitas” através da escolha das palavras e não só. Tal é válido também nos

²⁴ AMANTE, D. J. (1981): «The theory of ironic speech acts» In: *Poetics Today* 2, pp. 77-96.

²⁵ LAPP, Edgar – *Op. cit.*, p. 91. (A utilização desta expressão leva a crer que existe um tipo de acto verbal ‘ironia’. Os enunciados irónicos não se distinguem, no entanto, dos usos “normais” de um tipo de discurso. Podem ser uma interrogação, uma afirmação ou ordem).

²⁶ BROWN, R. L. (1980): «The Pragmatics of Verbal Irony» In: Shuy, R. and Shukal, A. (eds.): *Language Use and the Use of Language*, Washington D. C., p. 116.

²⁷ SEARLE, John R. (1975): «Indirect speech acts.» In: Cole, Peter / Morgan, Jerry L. (eds.): *Syntax and Semantics*, vol. 3 – Speech Acts. New York: Academic Press, p. 60.

²⁸ GRICE, H. Paul (1975): «Logic and conversation.» In: Cole, Peter / Morgan, Jerry L. (eds.): *Syntax and Semantics*, vol. 3 – Speech Acts. New York: Academic Press, pp. 41-58.

casos em que o emissor viola declaradamente uma máxima concreta, dado que o faz para transmitir um certo significado. São escassas as referências que Grice faz à ironia, mas considera-a uma violação da máxima da qualidade segundo a qual «you should try to make your contribution one that is true».²⁹

6. Ironia e Mentira

Esta é uma característica apontada como sendo típica não só da ironia, mas também da mentira, que do mesmo modo representa uma violação da máxima da qualidade e do princípio da cooperação, de que Grice igualmente fala e no qual aquela máxima se insere.

Do ponto de vista da comunicação, ironia e mentira nada têm em comum, e a prova de que assim é reside nas marcas da ironia que devem servir precisamente para impedir uma interpretação literal de um enunciado, garantindo assim que o emissor se faz entender. Lapp escreve que «während der Lügner den Widerspruch zwischen wirklicher und ausgedrückter propositionaler Einstellung verbergen will, gehört es zur Absicht des ironischen Sprechers, diesen Widerspruch zu verstehen zu geben. [...] Dadurch, daß der Ironische dem Hörer zu verstehen gibt, daß er unaufrichtig ist, ist er auf einer höheren Stufe wiederum aufrichtig».³⁰ Assim, a violação da máxima da qualidade pode ser considerada meramente aparente ou superficial no caso da ironia, o mesmo não se podendo afirmar em relação à mentira. Além disso, quando fracassa o reconhecimento da ironia de um determinado comentário, reconhece-se que se trata de um acto irónico falhado e nunca de uma mentira. Uma ironia explicada é uma ironia perdida e nunca uma mentira. No entanto, o risco de ser erradamente entendida como uma mentira é tanto maior quanto mais subtil for essa ironia, sendo que essa ironia é tanto mais subtil quanto maior é o esforço de interpretação que exige. Ironicamente «to be ironical is, among other things, to pretend (as the etymology suggests) and while one wants the pretense to be recognized as such, to announce it as a pretense would spoil the effect».³¹

²⁹ GRICE, H. Paul – *Op. cit.*, p. 46.

³⁰ LAPP, Edgar – *Op. cit.*, p. 92. (Enquanto aquele que mente pretende ocultar a contradição existente entre a atitude real e a atitude proposicional expressa, a intenção daquele que ironiza é dar a entender que existe essa contradição. [...] Ao dar a entender ao seu interlocutor que está a ser falso, o ironista está, por outro lado, num plano mais elevado, a ser sincero).

³¹ GRICE, H. Paul (1978): «Further notes on logic and conversation.» In: Cole, Peter (ed.): *Syntax and Semantics*, vol. 9 – Pragmatics. New York: Academic Press, p. 125.

7. Outras finalidades da Ironia

Para além dos fins já mencionados e dado que, para reconhecer e entender a ironia, o receptor de uma mensagem tem de estar na posse de informações específicas e não necessariamente do conhecimento geral dos ouvintes / participantes numa determinada conversa, o recurso à ironia pode também servir para seleccionar os ouvintes em destinatários e não-destinatários de uma informação. Para que este tipo de situação se concretize é contudo necessário que a informação veiculada seja, de facto, muito específica e de divulgação restrita. Aproximamo-nos assim do “*triadisches Ironiemodell*” (modelo triádico da ironia) de que fala Weinrich e que prevê a presença de uma terceira pessoa, para além do emissor e do receptor, alargando assim o modelo tradicional de comunicação (cf. ponto 4). Essa terceira pessoa será um observador externo que identifica o carácter irónico de um enunciado, algo que a segunda pessoa presente, o receptor, não é capaz de fazer, tornando-se assim vítima dessa ironia. Entre emissor e observador cria-se uma certa empatia, uma relação de solidariedade não partilhada com a vítima, que muitas vezes coincide com o próprio objecto da ironia.

Não raramente, o gosto pelo recurso à ironia surge associado ao gosto por um certo tipo de exibicionismo; como acontecia já nos tempos de Cícero e de Quintiliano, existe hoje ainda quem recorra sistematicamente à ironia, enquanto instrumento de retórica, para impressionar uma audiência, para criticar de uma forma mais oculta e por alguns considerada intelectualmente mais prestigiante (como tantas vezes acontece no discurso político). Nestas circunstâncias, o facto de existir um terceiro elemento no modelo de comunicação pode servir de estímulo para o emissor, podendo mesmo este exercício de retórica tornar-se num objectivo em si.

O modelo de comunicação baseado em pelo menos três elementos pode facilitar a análise de todo o processo, mas não considero, como aliás o próprio Weinrich reconhece, que ele seja imprescindível. Parece-me mais importante insistir no facto de, na maioria dos casos, estarmos apenas perante um emissor e um receptor, pretendendo o primeiro que o segundo capte a ironia contida na mensagem, não havendo, por isso, nenhuma vítima de humilhação testemunhada.

8. Ironia e Tradução/Interpretação

Há uma situação, porém, em que esse modelo tripartido é obrigatório, ainda que possa ser considerado em certa medida artificial: o caso em que entre um emissor e um receptor se coloca um tradutor ou intérprete (para o caso do discurso oral). Aí, sim, é inevitável a presença de uma terceira pessoa, mas a situação re-

veste-se obviamente de características totalmente diferentes das de uma situação normal de diálogo. Apesar de diferente, penso tratar-se de uma situação não menos interessante, que merece alguma reflexão e alguns comentários.

Partindo de considerações de carácter mais geral, volto às máximas de Grice, desta vez olhando-as numa perspectiva diferente e começando por pôr em causa a sua universalidade. Será que estas máximas têm o mesmo valor em todas as culturas? E será que a lista de Grice é exaustiva? O próprio Grice parece insinuar o contrário: « There are of course all sorts of other maxims (aesthetic, social, or moral in character) such as “Be polite”, that are also normally observed by participants in talk exchanges, and these may also generate nonconventional implicatures». ³²

No seio de determinadas culturas, a máxima “Be polite” pode suplantar as outras. Num ou noutro contexto, ser bem educado pode ser mais importante do que ser verdadeiro ou exacto. Será que a interpretação da máxima relativa à quantidade «do not make your contribution more informative than is required» ³³ é interpretada de forma igual em todas as culturas? A própria organização do discurso e os recursos retóricos variam de língua para língua e de cultura para cultura. Não será um ouvinte português, por exemplo, bem mais tolerante em relação à duração de uma intervenção oral do que um britânico? E não estará um alemão, por exemplo, muito mais habituado a discursos com argumentações menos lineares? Clyne sugere isso mesmo e considera que o discurso alemão é rico em “digressions”. Baker ³⁴ afirma que as máximas de Grice consagram e exaltam atitudes manifestamente características do mundo anglófono, tais como a sinceridade, a brevidade e a relevância, que não têm necessariamente o mesmo valor noutras culturas, nem devem ser vistas como representando a base ideal para a comunicação. Talvez a universalidade seja acima de tudo um atributo não das máximas conversacionais de Grice mas sim do princípio da cooperação e das implicaturas, algo que paira acima do significado literal e convencional de um enunciado e cuja interpretação só é possível, se se reconhecer a existência de um princípio da cooperação e de máximas de conversação, mesmo que estas variem em função da língua e da cultura. Qualquer falante e qualquer ouvinte de uma língua tem pleno respeito (de forma consciente ou inconsciente) pelo princípio de cooperação, em geral, e pelas máximas conversacionais em vigor nessa língua, em particular, e tem consciência de que o desrespeito ou a manipulação dessas máximas é um

³² GRICE, H. Paul (1978) - *Op. cit.*, p. 47.

³³ GRICE, H. Paul (1975) - *Op. cit.*, p. 45.

³⁴ BAKER, Mona (1992): *In other words. A coursebook on translation*, London: Routledge.

instrumento a que o falante pode recorrer para transmitir um determinado significado (como acontece no caso da ironia). Perante uma situação de desrespeito ou manipulação das máximas conversacionais, como seria a de um enunciado irónico, a interpretação correcta daquilo que é dito é, pelo menos em parte, determinada pelo contexto, realidade que engloba, entre outros aspectos, não só o já referido co-texto, mas também as convenções linguísticas de uma comunidade. Ao tradutor / intérprete compete o conhecimento de todas as convenções e de todo o historial do relacionamento mais ou menos directo entre o emissor e o receptor ao serviço dos quais ele se encontra e ainda a capacidade de se aperceber (no caso do intérprete – e por razões óbvias – tão rapidamente quanto possível) de todos os sinais transmitidos pelo emissor e que o devem alertar para a impossibilidade de uma interpretação literal. Caso tal não aconteça, o tradutor / intérprete abandona o seu posto habitual – o de sombra invisível do emissor – para passar a ser notado como terceiro elemento no modelo de comunicação. Infelizmente, quando isso acontece, o seu papel é o da vítima, não havendo então ninguém que ocupe o lugar daquele que percebe a ironia, dado que o receptor depende totalmente do tradutor / intérprete. Perde-se a ironia, e essa perda é sempre de lamentar, pois, como afirmam Littman / Mey «irony is, at least in most people's experience, a ubiquitous and fascinating form of human communication».³⁵

9. Conclusão

Como acontece em relação a outros fenómenos fascinantes, a ironia, como forma de comunicação, há-de continuar a suscitar interesse, mas a ironia, mais do que um mero fenómeno linguístico, é um fenómeno de uso da linguagem, pelo que aquilo que está ao alcance dos linguistas é uma análise que pode servir apenas de ponto de partida.

Maria Joana Guimarães

³⁵ LITTMAN, D. C. / MEY, J. L. – *Op. cit.*, p. 131.